

O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 296

Domingo (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE
5 (Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros) 65.^o



ALBUM DA CRITICA.

Fortaleza, 5 de Agosto de 1883.

Ora, vivam e revivam, senhores amáveis leitores!

Eis de novo em scena — o *Meirinho* e eu.

Que temos de novo por este mundo velho?... *Alguma coizita*, não?...

É provaes.

Então... mãos aos arames.

§

Quando estou meio arruado.

Não attendo a chorg ou rago:

Agarro penna e papel

E faço gente comer fogo.

§

Pois não é desaforo, e desaforo até mal-creado — o que acaba de fazer o Dr. Lacance?!

Não sabem?!. Heim?!

Pois não sabem que elle acaba de comprar um cavallo de sella, por 300 folhas, e isto — por conta da estrada, — para dar os sens passeios, pois para outra couza não é?!

Não sabem?!. Admira, porque por ahi é só o que se ouve dizer; e — *vece populis, vocce Dei*.

Alguem diz que o bucesulo é para o trasego da estrada...

Hom'essa!..

P're que este remendo da estoupa em cambraria?!

E, depois... que cavallo é este tão caro?!

Será algum poney ou algum garanhão?!

Ora, seo Lacance, isto é feio e immoral.

§

Vou-me embora d'esta terra,
Vou morar com tia Cota;
Quero ver se o primo — *Arranjo*

Me cede a filha — *Patota*.

§

Este mundo é assim!

Um fuão de tal contracta a limpeza publica de nessa capital, e a pobre humanaidade não pode andar na rua — sem risco de levar cisco nos olhos.

Dirão os leitores: — E porque a Câmara não toma uma providencia sobre isso?

Respondo-lhe: — Como ha de tomar, se elle foi a primeira que tomou cisco nos olhos...

Não vêm os pobres fiscaes como andão? *Cegos que chegam fazer dô*.

§

N'esta marcha em que nós vamos

Marcha tudo é — *piparôtes*!

Quem não for filho — se arranje,

Pois o tempo é dos — *filhôtes*!

§

Uma do Albino!

Não sabem porque deixou elle de escreditar mais em Santos?

É facil de explicar, segundo o *Magnum Flavium*:

O mestre Capão entendeo um dia de berrar como um bode; e para isto prometeo dez tustas à um Santo milagreto...

Esperou... esperou... esperou... e como o Santo não opperou o milagre... bordoada n'elle...

Eis porque o mestre Capão está ministro — *lucycavalobestifico*.

§

D. Lacy — *padre casado*,

O Mellado — mestre esquilo,

Entenderam de mander

Um Albino p'r'o Azylo.

§

Não ha molestia tão perigosa como a — *monomania*.

D'ella — bão tratado muitos medicos; porém sem resultado.

51.2.24
Biblioteca Fluminense

Ms. 2.2.2.

Ms. 2.2.2.

Ms. 2.2.2.

Ms. 2.2.2.

Qual ! ? . Elles cagam , mas não dão...
 Quem paga a muzica — sou eu . . .
 E porque não ?
 Quem é capaz de curar a monomania-
 poetica do V. Murinelly ? ! . Quem ? !
 Só eu ! .. Não ! .. O Meirinho , e
 com um calmante sublime . . .
 Vai se fabricar .

§

Tenho visto n'este mundo
 Couzas de ficar — patéta !
 Tenho visto . . . mas , não vi
 Um burro . . . feito poeta !

§

O Libera está contente como . . . nunca !
 E , como não ? ! Axi !
 Duas glórias — d'uma vez é pouca cou-
 za ? !
 Faliou o compadre Metton do alto da
 imprensa , e o Rodrigão — foi reeleito.....
 E o que mais ? ! .
 — Um posto para o Miguel , que é
 quem encherá mais na famíla !
 Está feito .

§

Um Ralph , lá de S. Paulo ,
 Latino — mesmo . . . sem som ,
 Fez fallar — pelo Jornal —
 O grande — Dr. Metton !

§

O Ventura está no aço por causa da
 reeleição do Rodrigão , porque o seu con-
 didato era o Dr. Jaguaribe .

E o João Tonico está saltando de con-
 tente , pois diz que espera ser nomeado
 Oficial da Guarda Nacional , na primeira
 enchente .

E está o que eu não duvido .

§

Neste mundo quem não é
 Capaxo e adulador ,
 Não provem de boa gente
 Nem tem honra e pondunor .

§

A passeata dos miranhas foi a coisa
 mais chifrín que tenho visto .

Imagine-se o Arraes e uns moleques
 soltando foguetes d'uma só bomba , o Joa-
 quim Nogueira e o Sabino ; o Bellinho e
 Miguel Salles , seguidos do Libera e seu
 mano Cazuza ; meia duzia de matutos de
 Arronche , Soures e Mecejana ; meia du-
 zia de moleques , e . . . eis a festa da ree-

leição do chefe da patuléa-miranha , ree-
 leito por obra e graça dos miseráveis
 Mello Marinhos e outros trampolíneiros
 de igual juiz .

E bão de ver como o Cearense descreve
 o tal labusé .

§

Rodrigão montou o cabô ,
 O Libera soltou bomba ,
 Manivão abriu da loca
 E o porco meteu . . . a tromba .

§

Como passou , Sr. Cadete Tarugo ? !
 Hah ? ! .

Seu cabeçudo . . . seu cabeçudo . . . Te-
 nha modo , e deixe a viúva do *defunto*
morto .

Você pensa que p'ra ser *brigada* pôde
 pintar o Sete e o Sindo com quem bem
 entende e quer ? !

Quase , mestre !

Não é assim que se vai à missa na Sé ..
 Quase ! ..

Você pôde saber muito , pois p'ra isso
 tem *cabeça* e *companhia* ; porém ainda
 falta aprender um pouco .

Isto de querer *impolar* de *arrochado* . . .
 aquí . . . é bobagem !

Você caga , mas não dança , pois quem
 paga a muzica sou eu

E diga .

§

Tenho dito — por hoje .
 Querem mais alguma coisa ? !
 Eu sou como o bodegueiro : hoje ,
 não . . . amanhã — sim .

§

Basta , leitoras , por hoje ,
 Já me vou , mas volto breve ,
 Receba muita lembrança ,
 Quem de min notícias leve .

O Bispo .

§

Pelos jornaes .

A nossa imprensa vai aos empurrões :

A Constituição — sofre se ; o Pedro
 II — tolera-se ; a *Gazeta do Norte* — é
 só cliché e notícias da Trapizinha ; o
 Cearense — está desgrotado . . . É o Zé
 Urú da imprensa Cearense !

Afinal , das páginas grandes só o *badejo*
 é o *Libertador* , porque é um pouco de-
 zatreimado , e não mede dizer — diz ,
 e na rosca da vento .

Quanto aos jornaes pequenos — nem vale a pena falar-se, pois só temos dous, e um dellos — *O Sol* — anda sempre entre nimbus e cumulos.

De todos finalmente, o melhor é o *Meirinho*, e isto é dito por todos os povos e povas d'este globo.

GALERIA DO POVO.

MOTTE.

Seo Dezazado, me gloze
Este Motte á pé de gallo :
D. Libera, frei Lacy,
Príncipe Arraes, mestre cavalllo.

GLOZA.

Fui tomar hontem uma *doze*
 Na batica do Mamude
 Quando um sujeito me pede:
 — *Seo Dezazado, me gloze...*
 Quero que você me *toze*,
 Na muzica de S. Gonçalo,
 Uns *typos — bestas de talo —*
 Cada qual mais *desbriado*!
Me gloze, seo Dezazado
 — *Este Motte á pé de gallo :*

O grande Motte eu pedi,
 Assim de poder glozar;
 E *suei p'ra combinar*
 — *D. Libera, frei Lacy!*
Carambas! Não consegui
 Fazer isto á pé de gallo!
Na muza dei um estallo,
 Mais duas *dozes* tomei,
 E a final — sempre glozei
 — *Príncipe Arraes, mestre cavalllo.*

O Dezazado.

†

À PÉ DE GALLO.

Muita gente anda zangada
 Com o *Meirinho* — este *ratão*;
 Porém isto é — *cassuada*,
 Pois p'ra tal não ha *razão*.
 O *Meirinho* só tem dito
 A verdade — *nua e crua*,
 Pois p'ra isto foi criado...
 E tem dito, e continua.
 Quem não quizer vêr a pelle
Arder da critica no album,
 Seja amigo do *Meirinho*
 E, não faça modo algum.
 Porque mesmo iado amiguinho

Do Meirinho — badejão,
Ninguem está habilitado
A pintar — manta e Simão!

Isto não!... Alto, vareta!...
 Ataca, Fellippe, ataca!...
 Fugio o — fio — da *siringa*...
Do Meirinho está na faca.

Vamos indo, seo *Meirinho*;
 Assim é que é bom fazer!
Ataque os typos bonitos,
Faça tudo, se mexer.

Não poupe ninguem, não poupe,
Seo Meirinho — badejão,
Seja embora um Porco-espinho,
Um Montanha, um Manivão...

Não me poupe os namorados,
Gente tola e sem vergonha;
Cuidado com certas typas
Do fucinho de paronha.

Ao casado — intromettido
Em negocios de — namoro —
Fogo n'elle, seo Meirinho!
Não se importe qu'haja choro.

Ataque, mestre Meirinho,
A peia — em quem merecer!
Ataque e conte commigo ...
E o barco deixe correr.

Vá mostrando, seo Meirinho,
Que é badejo e de saude!
Vá dizendo as vacuidades: —
— Quem não gostar que se mude.

1883 — Ceará.

Fra Diavolo.

†

NÃO GOSTO...

— de quem *gosta*
Do que eu digo que não gosto,
Porque não gosta de mim,
Isto digo, e sót' oposto.

Não gosto, e faço barulho,
Faço barulho, e té brigo;
Quem gosta do qu'enô não gosto
Por Deos! — não gosta commigo!

— d'um rapazola
Que por muito desafogo
Nomora — cynicamente
Até um tipo de fogo.

Este mestre — Sarué —
É precizo endireitar se!
Quem anda pegando em fogo
Corre risco de queimar-se.

— de certa gente,
Quo nas rodas de calçada
Vive cortando na pelle
Até de moça casada.

Isto é mão!.. É indecente!..
Não é de gente de bem!
Um quidam que assim procede
Não tem vergonha!.. Não tem!..

— de uma Curumba;
Que vive n'um *dezadouro*,
Damnada p'ra namorar,
Ou damnada por — namoro.

Esta coiza feia e chata,
Da *calassa* do Lacy,
Se não figura uma pata,
Parece uma — *patoria*!

— de certo melro,
Que por — especulação (!)
Vive a fazer em sua ceza
Todo o dia uma função.

A este — *sabido e meio* —
Um conselho eu quero dar:
Largue esta vida safada
E procure — trabalhar.

— de caixearinho
(De *chinfrin* — gente devota,)
Que não perde um *regá-bofes*
Indo mesmo n'*Aldeiota*.

Não gosto mesmo porque
Uma vez e outra não
Está tomando um *supapo*
A gaveta do patrão.

— já tenho dito,
E não bo que dovidar,
De moça que faz namoro
Sómente para... *fintar*!

Destas eu conheço uma
No Oiteiro da Prainha,
Que vive de boca em boca
Dos meninos de Candinha.

— de seo Meirinho,
Não gosto e té faço choro,
Quando o não vejo sahir
Bem cheio de — *dezaforo*.

Quero vêr gente *meixer-se*,
Chamar p'pá e mamã;
Quero vêr gente *xiar*
— Na unha da carimã.

— de gente moça,
Que *almoça e seia rozario*,

E não sahe todos os dias
Do pé d'um — *confessionario*.

Semelhante *santarrona*
Nunca foi religiosa!
Ella é — sabem o que?!

— *Refinada cavilóza*!

— nem pelo *demo*
Ou *diabo* — o mais safado —
D'um *sárará* que anda aqui
Chamado — *padre casado*.

Este mestre *lutherano*
Bem merecia tomar
Na sua larga *lombada*
Uma piza até *rinchar*.

— de um *bodegueiro*
Chamado — Lílú Coelho,
Porque além de ser *pedante*
É um *typo* muito *felho*.

Não gosto! Fallo *sizudo*!
E saber muito quizera
O que entende do mundo
Este cara de *Migera*.

— do tal *Ogenio*,
Intendente — *seringueiro*,
Porque entende este coiza
Ser senhor do mundo inteiro.

S'este *soldado* soubesse
Quanto é *farofa* de mais,
Já tinha puxado a trouxa
P'ra terra dos *seringaços*.

— de seo Alfredo
Arco Verde — *Camarão*,
Porque pensa que no mundo
Só vale sua *prezumção*!

Seo Alfredo, largue a trouxa!
Vá comprar *couro de bôde*!
« *Prezumção* e agua benta,
« Cada um toma o que pôde... »

— da tal *policia*,
Mulher velha e mui *gottoza*,
Que p'ra fazer o que deve
E ruim como sa *Roza*.

E como não ser assim,
Se os seos chamados — *agentes*
São cozinhas muito *primitivas*: —
Uns *cegos*... outros *dormentes*?!